

Este publicado,
ver livro no 40.50

Maria de Lourdes Pintasilgo escolhe...

FERNANDO PESSOA
(1888-1935)

Livro do Desassossego



Mais do que outra, queria que a minha acção pela vida fosse educar os outros a sentir cada vez mais para si-próprios, e cada vez menos segundo a lei/dinâmica/da colectividade. Educar naquela anti-sepsia espiritual pela qual não pode haver contágio de vulgaridade, parece-me o mais constelado destino do pedagogo/íntimo/que eu queria ser (pp. 91-92)¹.

Sentir

Nunca me esqueço do que sinto (p. 52).

Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos (p. 135).

No fundo, há na nossa experiência da terra duas coisas só - o universal e o particular. Descrever o universal é descrever o que é comum a toda a alma humana e a toda a experiência humana - o céu vasto, com o dia e a noite que acontecem dele e nele; o correr dos rios - todos da mesma água sororal e fresca; os mares, montanhas tremulamente extensas, guardando a majestade da altura no segredo da profundidade; os campos, as estações, as casas, as caras, os gestos; o traje e os sorrisos; o amor e as guerras; os deuses, finitos e infinitos; a Noite sem forma, mãe da origem do mundo; o Fado, o monstro intelectual que é tudo... Descrevendo isto, ou qualquer coisa universal como isto, falo com a alma a linguagem primitiva e divina, o idioma adâmico que todos entendem. Mas que linguagem estilhada e babélica falaria eu quando descrevesse o Elevador de Santa Justa, a Catedral de Rheims, os calções dos zuavos, a maneira como o português se pronuncia em Trás-os-Montes? Estas coisas são acidentes da superfície; podem sentir-se com o andar mas não com o sentir. O que no Elevador de Santa Justa é o universal é a mecânica facilitando o mundo. O que na Catedral de Rheims é verdade não é a Catedral nem o Rheims, mas a majestade religiosa dos edifícios consagrados ao conhecimento da profundidade da alma humana. O que nos calções dos zuavos é eterno é a ficção colorida dos trajes, linguagem humana, criando uma simplicidade social que é em seu modo uma nova nudez. O que nas pronúncias locais é universal é o timbre caseiro das vozes de gente que vive espontânea, a diversidade dos seres juntos, a sucessão multicolor das maneiras, as diferenças (o limite) dos povos, e a vasta variedade das nações (p. 137).

Que me pode dar a China que a minha alma me não tenha já dado? E, se a minha alma mo não pode dar, como mo dará a China, se é com minha alma que verei a China, se a vir? Poderei ir buscar riqueza ao Oriente, mas não riqueza de alma, porque a riqueza da minha alma sou eu, e eu estou onde estou, sem Oriente ou com ele (p. 136).

¹ As páginas referem-se ao Livro do Desassossego, de Bernardo Soares (Fernando Pessoa), edição da Ática, Lisboa, 1982.



Pensar

Quem sabe sequer o que pensa, ou o que deseja? (p. 9)

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo ciência objectiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objectivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a sua consciência de si. Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência. É muito diferente já da ciência dos antigos científicos, que, longe de buscarem as leis da sua própria personalidade e a organização dos seus sonhos, procuravam as leis do “exterior” e a organização daquilo a que chamavam “Natureza” (p. 33).

Esse cientista de depois de amanhã terá um escrúpulo especial pela sua própria vida interior. Criará de si mesmo o instrumento de precisão para a reduzir a analisada. Não vejo dificuldade essencial em construir um instrumento de precisão, para uso auto-analítico, com aços e bronzes só do pensamento. Refiro-me a aços e bronzes realmente aços e bronzes, mas do espírito. É talvez mesmo assim que ele deva ser construído. Será talvez preciso arranjar a ideia de um instrumento de precisão, materialmente vendo essa ideia, para poder proceder a uma rigorosa análise íntima. E naturalmente será necessário reduzir também o espírito a uma espécie de matéria real com uma espécie de espaço em que existe. Depende tudo isso do aguçamento extremo das nossas sensações interiores, que, levadas até onde podem ser, sem dúvida revelarão, ou criarão, em nós um espaço real como o espaço que há onde as cousas da matéria estão, e que, aliás, é irreal como cousa.

Não sei mesmo se este espaço interior não será apenas uma nova dimensão do outro...

Talvez se descubra que aquilo a que chamamos Deus, e que tão patentemente está em outro plano que não a lógica e a realidade espacial e temporal, é um modo de existência, uma sensação de nós em outra dimensão do ser. Isto não me parece impossível (pp. 33-34).

Mas no pouco que lia tantas teorias me cansava ver, contraditórias, igualmente assentes em razões desenvolvidas, todas elas igualmente prováveis e de acordo com uma certa escolha de factos que tinha sempre o ar de ser os factos todos. Se erguia dos livros os meus olhos cansados, ou se dos meus pensamentos desviava para o mundo exterior a minha perturbada atenção, só uma cousa eu via, desmentindo-me toda a utilidade de ler e pensar, arrancando-me uma a uma todas as pétalas da ideia do esforço: a infinita complexidade das cousas, a imensa soma (...), a prolixa inatingibilidade dos próprios poucos factos que se poderiam conceber precisos para o levantamento de uma ciência (p. 61).

Sonhar

Daí a habilidade que adquiri em seguir várias ideias ao mesmo tempo, observar as cousas e ao mesmo tempo sonhar assuntos muito diversos, estar ao mesmo tempo sonhando um poente real sobre o Tejo real e uma manhã sonhada sobre um Pacífico interior; e as duas cousas sonhadas intercalam-se uma na outra, sem se misturar, sem propriamente confundir mais do que o estado emotivo diverso que cada um provoca... (p. 121).

O sonhador não é superior ao homem activo porque o sonho seja superior à realidade. A superioridade do sonhador consiste em que sonhar é muito mais prático que viver, e em que o sonhador extrai da vida um prazer muito mais vasto e muito mais variado do que o homem de acção. Em melhores e mais directas palavras, o sonhador é que é o homem de acção (p. 97).

Sendo a vida essencialmente um estado mental, e tudo, quanto fazemos ou pensamos, válido para nós na proporção em que o pensamento válido, depende de nós a valorização. O sonhador é um emissor de notas, e as notas que emite correm na cidade do seu espirito do mesmo modo que as da realidade. Que me importa que o papel-moeda da minha alma nunca seja convertível em ouro, se não há ouro nunca na alquimia factícia da vida? Depois de todos nós, vem o dilúvio, mas é só depois de todos nós. Melhores, e mais felizes, os que, reconhecendo a ficção de tudo, fazem o romance antes que ele lhes seja feito... (pp. 97-98).

Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso... Mas o que eu sonho ninguém pode ver senão eu, ninguém a não ser eu possuir. E se do mundo exterior o meu vê-lo difere de como os outros o vêem, isso vem de que do sonho meu eu ponho em vê-lo sem querer, do que do sonho meu se cola a meus olhos e ouvidos (pp. 112-113).

Para dar relevo aos meus sonhos preciso conhecer como é que as paisagens reais e as personagens da vida nos aparecem relevadas. Porque a visão do sonhador não é como a visão do que vê as cousas. No sonho, não há o assentar da vista sobre o importante e o inimportante de um objecto que há na realidade. Só o importante é que o sonhador vê. A realidade verdadeira dum objecto é apenas parte dele; o resto é o pesado tributo que ele paga à matéria em troca de existir no espaço. Semelhantemente, não há no espaço realidade para certos fenómenos que no sonho são palpavelmente reais. Um poente real é imponderável e transitório. Um poente do sonho é fixo e eterno... A minha visão das cousas suprime sempre nelas o que o meu sonho não pode utilizar. E assim vivo sempre em sonhos, mesmo quando vivo na vida. Olhar para um poente em mim ou para um poente no Exterior é para mim a mesma coisa, porque vejo da mesma maneira, pois que a minha visão é talhada mesmamente (pp. 119-129).

Mas, enfim, também há universo na Rua dos Douradores. Também aqui Deus concede que não falte o enigma de viver. E por isso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrair de entre as rodas e as tábuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter.

Alhures, sem dúvida, é que os poentes são. Mas até deste quarto andar sobre a cidade se pode pensar no infinito. Um infinito com armazéns em baixo, é certo, mas com estrelas

ao fim... É o que me ocorre, neste acabar de tarde, à janela alta, na insatisfação do burguês que não sou e na tristeza do poeta que nunca poderei ser (p. 124).

Viajar

Minha impressão é que o que existe é sempre em outra região, além de montes, e que há grandes viagens por fazer se tivermos alma com que ter passos (p. 85).

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito através da matéria, e, como é o espírito que viaja, é nele que se vive. Há, por isso, almas contemplativas que têm vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que têm vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tão cansado de um sonho como de um trabalho visível. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito (p. 128).

Eu não parti de um porto conhecido. Nem hoje sei que porto era, porque ainda nunca lá estive. Também, igualmente, o propósito ritual da minha viagem era ir em demanda de portos inexistentes - portos que fossem apenas o entrar-para-portos; enseadas esquecidas de rios, estreitos entre cidades irrepreensivelmente irreais. Julgais, sem dúvida, ao ler-me, que as minhas palavras são absurdas. É que nunca viajastes como eu.

Eu parti? Eu não vos juraria que parti. Encontrei-me em outras partes, noutros portos, passei por cidades que não eram aquela, ainda que nem aquela nem essas fossem cidades algumas. Jurar-vos que fui eu que parti e não a paisagem, que fui eu que visitei outras terras e não elas que me visitaram - não vo-lo posso fazer...

Fundação Cuidar o Futuro

Viajei. Julgo inútil explicar-vos que não levei nem meses, nem dias, nem outra quantidade qualquer de qualquer medida de tempo a viajar. Viajei no tempo é certo, mas não do lado de cá do tempo, onde o contamos por horas, dias e meses; foi do outro lado do tempo que eu viajei, onde o tempo se não conta por medida (pp. 142-143).

Agir

Agir é reagir contra si próprio. Influenciar é sair de casa (p. 93).

Tenho um receio íntimo dos gestos a esboçar, uma timidez intelectual das frases a dizer. Tudo me parece antecipadamente fruste (p. 68).

Fazer um gesto foi sempre, para o meu sentimento das cousas, uma perturbação, um desdobramento, no universo exterior; mexer-me deu-me sempre a impressão que não deixaria intactas as estrelas nem os céus sem mudança. Por isso, a importância metafísica do mais pequeno gesto, cedo tomou um relevo atônito dentro de mim (p. 92).

Quando vivemos constantemente no abstracto - seja o abstracto do pensamento, seja o da sensação pensada -, não tarda que, contra o nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem fantasmas aquelas coisas da vida real que, em acordo com nós mesmos, mais deveríamos sentir... À força de viver de imaginar, gasta-se o poder de imaginar, sobretudo

Também o objectivo da viagem não pode ser completamente definido já que “o propósito ritual da minha viagem era ir em demanda de portos inexistentes”. A educação é “viagem”, é ir “de-para” mas nem o lugar de partida nem o de chegada têm um recorte claro.

A educação, ao propor a “viagem” tem um “propósito ritual”, corresponde ao cumprimento de um rito que a sociedade reconhece e para que oferece as condições necessárias. Mas a sociedade nunca poderá impor o lugar de chegada, mesmo que no nosso tempo os mecanismos de mercado tentem oferecer competitivamente esse lugar. Ao fazê-lo, amputam a educação do essencial desse propósito ritual: negam-lhe a possibilidade de “ir em demanda”. É que na demanda se contém não só a viagem, mas o sonho, o sentir, o pensamento, a acção.

Na “viagem” articulam-se também, de forma única, o universal e o particular, não em oposição como o relativismo cultural, herdado de uma etnografia ultrapassada, pretende fazer crer. Só quando percebermos que “o que no elevador de Santa Justa é universal é a mecânica facilitando o mundo” é que estaremos aptos a descrever o particular na sua profunda universalidade.

No processo de educação, estará presente o “cientista de depois de amanhã”. Esse cientista de depois de amanhã trará consigo, dentro dele, não só “um espaço real como o espaço que há onde as cousas da matéria estão” – espaço de verdadeira criação, de conhecimento reflectido e actualizado, de sabedoria – mas também “uma nova dimensão do outro”. Mas que essa dimensão não seja uma coisificação do outro: nunca a ele chegamos senão descobrindo o(s) outro(s) de nós, “outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos”.

E que nesse espaço Deus seja “uma dimensão de nós em outra dimensão do ser”.

A derrocada do “puramente objectivo” já fora anunciada na mais exacta de todas as ciências: o físico Schrödinger afirmara que na observação do objecto se veicula sempre o sujeito. E o sujeito que se veicula não é o que tem determinada opinião sobre o teorema, a lei, a equação. O homem de ciência sabe que não há “nada mais seu do que a sua consciência de si” – por isso, só pode transmitir aquilo que ficou a fazer parte da consciência de si. E anda-se por aí a procurar as razões do “insucesso escolar” do lado dos alunos?! Onde estão os cientistas que tenham tido a coragem e a força de “construir um instrumento de precisão, para uso auto-analítico, com aços e bronzes só do pensamento?”

Estranhar-se-á talvez que eu fale de cientistas no processo educativo e não de “formadores”. Faço-o por duas razões: primeiro, porque não posso entender que o educador, ao ensinar os rudimentos de matemática, de história, de ciências naturais, ou de qualquer outro aspecto do conhecimento, se situe unicamente em transmissor desses rudimentos, ainda que tenha aprendido os numerosos “ersatz” da verdadeira iniciação a cada observação da natureza, da história e da vida; segundo, porque no mundo de fontes de informação deslocalizadas, o processo de educação requer, antes de tudo o mais, que o educador “tenha um escrúpulo especial pela sua própria vida interior”.

Porque se vive a plena alteridade no processo de educação, é preciso vencer a “timidez intelectual das palavras a dizer”. Há nessa timidez um fundo humilde de hesitação, de sentimento de insignificância face à palavra. Mas julgo discernir na nossa sociedade o fundo perverso desse sentimento natural. Somos ainda um povo onde o que considero iletrismo intelectual toca mesmo os que ensinam. Quantas vezes os ouço dizer: “o que eu queria dizer já foi dito por outros...” A esses é



necessário denunciar que a incapacidade de dizer o real pode ser, sem que o saibam, o “desprezo pelas cousas vividas”. Educar é então abrir o véu que cobre a palavra e, assim, despertar “a alma com que ter passos”.

Que motivações se podem suscitar na educação? O caminho é límpido e claro: “nunca me esqueço do que sinto”. Transformar a educação num caminho do sentir que se inscreve nas camadas fundas da existência e isto desde os primeiros anos de vida. Um universo de sensações, sentimentos, afectos, que estruturam a vida psíquica e tomam capaz de não esquecer o que o eu sente. E criar, em todas as etapas e idades, a noção muito clara da “importância metafísica do mais pequeno gesto”. Assim, abrir um espaço onde “não pode haver contágio de vulgaridade”.

No olhar que abrange toda a vida, surge a presunção de cada domínio do conhecimento a querer-se lógico, racional, completo – e a ideia de “corpus” a reduzir a realidade a puro objecto de um qualquer exercício. A educação não é o alinhamento desses conhecimentos uns ao lado dos outros, como soldados da parada da ignorância e da inconsciência colectivas. Só há pensamento quando se gera o conhecimento da “infinita complexidade das cousas”, desses domínios vários que se entrelaçam, que se contrariam, que se multiplicam, que entram na sinergia de que brota uma nova iluminação.

Pela preocupação com o que é preciso transmitir e com o seu peso de “realidade” a conhecer, matam-se muitas vezes os sonhos, “esse papel-moeda” de cada alma e impede-se que cada um “faça o romance antes que ele lhe seja feito”. Respeitar esse romance de cada vida é reconhecer que “o que eu sonho ninguém pode ver senão eu” e que nessa aparentemente banal afirmação se encontra o fundamento da identidade de cada um. O que seria uma pedagogia que seguisse os romances dos sonhos dos que aprendem? No termo dessa pedagogia, poder-se-ia então reconhecer que “o sonhador é que é o homem de acção”.

Porque “narrar é criar”, não admira que o entendimento/pensamento preceda a acção. Mas a acção não é linear: é ela própria contraditória porque materializa o encontro do eu com uma parcela da realidade. E essa parcela é sempre diferente. O que seriam os conteúdos da educação se acreditássemos convictamente, com os sentidos e o pensamento, que considerar uma coisa ou parcela da realidade “cada vez de modo diferente é renová-la, multiplicá-la por si mesma”?

Poderia parecer que o sonho em Bernardo Soares é uma ausência do real. Pelo contrário, é uma presença ao real que nele secundariza, por irrelevante, o que é passageiro e trivial. É que o “pesado, o útil, o circunscrito”, o que é emanação exclusiva da materialidade das coisas, “dão negro na chapa espiritual”. Mas esta educação supõe pessoas espirituais que não se refugiam no que poderia ter sido nem se esvaem em lamentos pelo mal que andam as coisas – são os herdeiros daquele que soube ver “que também há universo na Rua dos Douradores”.

Maria de Lourdes Pintasilgo

